

AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DAS INFORMAÇÕES SOBRE SUSTENTABILIDADE PRESTADAS PELAS EMPRESAS PARTICIPANTES DO ÍNDICE DE SUSTENTABILIDADE EMPRESARIAL (ISE)

Danilo Colaricci Trevizan

José Roberto Kassai

Resumo

O Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE) da BMF&BOVESPA é elaborado por meio de um relatório, que é respondido pelas empresas participantes, ao final de um determinado período. Este estudo teve o objetivo de realizar uma análise qualitativa da informação que consta dos relatórios de sustentabilidade divulgados pelas empresas participantes do ISE com enfoque nos pontos em comum e divergentes entre elas, empregando uma metodologia de elaboração de um questionário, a partir do Relato Integrado, analisando as informações disponíveis nos relatórios destas empresas. Esta é uma pesquisa de natureza exploratória e possui como foco qualitativo a seguinte questão: *qual a qualidade das informações que constam dos relatórios de sustentabilidade das empresas do ISE?* Para responder à questão foi utilizado o método de coleta de insumos em diferentes canais utilizados pelas empresas para divulgar os relatórios de sustentabilidade, entre estes, sites institucionais e redes sociais. Como critério de avaliação da qualidade das informações prestadas foram adotados os seguintes pontos: estrutura de governança; mapeamento de riscos e oportunidades; confiabilidade e equilíbrio; descrição do negócio e mercado de atuação. Foram analisadas 8 empresas de diferentes setores. Pelos resultados apurados verificou-se uma boa apresentação de práticas de governança, com ações de criação de comitês, que vão além dos aspectos legais, porém com grande discrepância de gênero presente nos conselhos; também não há um mapeamento claro de riscos, sem avaliação da probabilidade de ocorrência e ações para mitigá-los. Em contrapartida existe um foco muito grande na identificação das oportunidades pela empresa que busca mostrar seu potencial de retorno e a geração de valor para o usuário da informação; é perceptível a existência de um grande esforço em evidenciar informações positivas a respeito da organização das empresas. Não estão presentes, de forma eficiente e clara nos relatórios, as informações sobre impactos negativos na capacidade de geração de valor, principalmente a médio e longo prazo. Apesar disto, existem boas informações a respeito da estrutura e do controle interno das empresas que foram avaliadas, que contribuem para a confiabilidade da informação gerada e relatada nos relatórios de sustentabilidade. Por fim, fica evidente que todas as empresas analisadas buscam descrever em detalhes qual é o objeto de seu negócio e qual o mercado em que atuam, de forma a deixar claro para o usuário da informação o seu propósito e as diretrizes de seu negócio.

Palavras-chave: Relatórios de Sustentabilidade; Índices de Sustentabilidade Empresarial; Relato Integrado; Sustentabilidade Empresarial.

Obs: trabalho submetido ao CBC2016

1- Introdução

Um dos temas mais discutidos e que mais preocupa tanto empresas, governos e sociedade é a questão do desenvolvimento sustentável, um termo consolidado que deixou de estar relacionado somente as ações ambientais e sociais. De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU), desenvolvimento sustentável é o desenvolvimento capaz de suprir as necessidades da geração atual, sem comprometer a capacidade de atender as necessidades das futuras gerações. Apesar da expressão ter sido cunhada em 1987, no relatório de Brundtland, ela se mostra ainda atual, desafiando a sociedade como um todo a compreender como buscar este desenvolvimento.

Este tema tem evoluído constantemente, desde a primeira grande conferência feita pela ONU, em Estocolmo (1972), a do Rio de Janeiro em 1992 (Rio 92) e na sua mais recente edição, em 2012 (Rio+20), que contou com mais de 1 milhão de participantes em todos os eventos e deixou um grande marco representado pela criação de um documento, intitulado *The Future We Want*, que traz uma extensa lista de compromissos e políticas sociais a serem adotadas pelas nações e que deverão servir de guia para o desenvolvimento sustentável. A discussão tem ganhado cunho cada vez mais político e estratégico, envolvendo diversos grupos além dos ambientalistas.

Conforme apontado pelo relatório *Blue Planet Laureates: Environmental and Development Challenges – The Imperative to Act*, 2012, uma das mudanças mais urgentes é a troca do produto interno bruto (PIB), para indicadores que apontem também para o capital humano, o capital social e o capital natural. Reforçando esta ideia, de acordo com Carvalho e Kassai (2014), se quisermos aproveitar o desafio de proporcionar um mundo melhor e menos desigual, será preciso reconhecer e atribuir valor as externalidades sociais e ambientais em toda cadeia produtiva, para promover a internalização desses custos pelos agentes econômicos.

Neste contexto, o papel das empresas para promover avanços nesta área deve ser destacado, dada suas capacidades de movimentar recursos e de seus impactos não somente econômicos, mas também sociais e ambientais. Com esta perspectiva, o tema tem sido incorporado nas organizações, que hoje buscam desenvolver e relatar ações relacionadas com o desenvolvimento sustentável, seja por iniciativa própria ou por pressão de credores e também de investidores de uma maneira geral. Como reforçado por Carvalho e Kassai (2014), as empresas têm papel fundamental para concretizar essas ações, pois são elas que converterão as ações em serviços ou produtos em escala global.

Ainda analisando as empresas e seu papel no desenvolvimento sustentável, o parágrafo 47 do relatório Rio+20 reforça a importância do relato de sustentabilidade empresarial, especialmente quando realizado pelas grandes empresas e empresas listadas na bolsa de valores, encorajando-as a incorporar em seu ciclo de relatórios a informação integrada sustentável. Este novo modelo de relato promoverá grandes mudanças na cultura das organizações, que serão ainda mais reconhecidas no futuro como parte fundamental do desenvolvimento sustentável.

Com o cenário analisado e a importância de novas formas de relato de informações sustentáveis estabelecida, as bolsas de valores ao redor do mundo demonstraram estar alinhadas com estes objetivos, buscando promover ações para atender a necessidade de investidores, e demais interessados, que priorizavam o desenvolvimento sustentável. Entre estas ações houve

a criação de fundos de investimento sustentável (ISR) e a criação de Índices de Sustentabilidade (IS) que buscam auferir o desempenho das empresas, com relação a questões ambientais, sociais, governança, além do desempenho financeiro, que sempre foi o principal e praticamente único fator a ser considerado, sendo que este índice merece destaque e é um dos objetivos do presente estudo.

Pioneira na implantação de um índice que refletisse aspectos sustentáveis das empresas a Dow Jones, bolsa de valores de Nova York, iniciou este movimento. Em seguida, as bolsas da Inglaterra e de Johannesburgo também desenvolveram seus índices. No Brasil tivemos a criação do ISE em 2005, da BM&F, sendo a primeira na América Latina. Com uma crescente conscientização por parte dos investidores e da sociedade em geral acarretando uma maior cobrança por transparência de informações e de práticas sustentáveis, os Índices de Sustentabilidade têm permitido não só traduzir essa geração de valor para a sociedade, mas também incentivar a prática de ações sustentáveis dentro das empresas.

O objetivo deste trabalho foi analisar a qualidade da informação divulgada pelas empresas, utilizando como guia o Relato Integrado. A avaliação da qualidade descrita neste trabalho está focada em 4 tópicos: estrutura de governança; mapeamento de riscos e oportunidades; confiabilidade e equilíbrio; descrição do negócio e mercado de atuação. Estes 4 tópicos foram extraídos do *Framework* do Relato Integrado e fazem parte de um conjunto de elementos que um relato deve conter para atingir o objetivo de transmitir a capacidade de gerar valor na empresa no curto, médio e longo prazo, enfatizando o pensamento integrado. O trabalho busca evidenciar também como tem sido a evolução do exercício que as empresas estão fazendo no sentido de aprimorar os relatórios por elas elaborados.

Com relação a metodologia, a pesquisa se concentrou em coletar dados a partir dos relatórios de sustentabilidade das empresas selecionadas, utilizando-se principalmente sites institucionais, canais muito utilizados pelas companhias para divulgar suas informações. Após a obtenção das informações, as empresas foram analisadas por um questionário que foi elaborado com base no Relato Integrado, garantindo assim a qualidade técnica deste questionário. Foi analisada a qualidade das informações publicadas, sob a ótica do Relato Integrado, que busca ser referência de como as empresas devem elaborar seus *reports*. Todas as empresas analisadas dentro de cada questão, entre si, buscando evidenciar o nível de práticas dessas empresas com relação a um modelo proposto e entre as próprias empresas estudadas.

2- Fundamentação Teórica

2.1 ISE e Questionário: História e importância

O Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE) da BMF&BOVESPA não foi a primeira iniciativa de buscar medir e incentivar práticas de sustentabilidade dentro das empresas. Este movimento teve início no fim dos anos 1990, quando o investimento responsável ganhou força com um número cada vez maior de fundos *socially responsible investments* (SRI), responsáveis por investimentos representativos em termo de capital (aproximadamente 2 trilhões de dólares na época). Com um cenário em que cada vez mais os investidores estavam preocupados com aspectos de responsabilidade social das empresas, no ano de 1999 a *Dow Jones* inaugurava o *Sustainability Indexes* (DSJI), que buscava avaliar as práticas de sustentabilidade das empresas e trazer maior transparência e acesso a estas informações. (Marcondes; Bacarji, 2010)

A partir da criação deste índice, outras bolsas de valores importantes no mundo começaram a desenvolver seus próprios índices com o mesmo caráter, como foi o caso da Bolsa de Londres (FTSE4Good) e a Bolsa de Joanesburgo (JSE). Com a bolsa brasileira não foi diferente. O Desenvolvimento do índice teve início no começo dos anos 2000, em uma parceria da BMF&BOVESPA com a GVces e diversas outras entidades e entes da sociedade, interessados na criação do índice, sendo o GVces responsável pela elaboração do questionário e condução de processo de pesquisa. Em 1 de dezembro de 2005 foi lançada a primeira carteira do ISE, com XX empresas. Vale ressaltar que os índices de avaliação de sustentabilidade estavam fortemente pautados no conceito do *triple bottom line* (equilíbrio ambiental, social e econômico), que ganhava cada vez mais notoriedade na época. (Marcondes; Bacarji, 2010)

De acordo com Marcondes e Bacarji (2010) o ISE seguia os mesmos preceitos das outras iniciativas que estavam sendo desenvolvidas na época, buscando avaliar um conjunto específico de empresas listadas na bolsa de valores, através de uma metodologia, critérios e questionários estabelecidos, em diversas dimensões como: natureza do produto ou serviço; qualidade da gestão ambiental; relacionamento com as partes interessadas; entre outros. A criação dos índices permite fomentar melhores práticas empresariais, bem como incentivar o investimento responsável, sendo então um instrumento de promoção de sustentabilidade. Ainda de acordo com os autores, os índices por si eram meios e não fins, sendo eles uma forma de se atingir um objetivo maior.

Como também aponta o portal ISEBVMF, o ISE tem ainda como pressupostos estar alinhado com os desafios globais a respeito das questões de sustentabilidade e promover a melhoria contínua das práticas empresariais voltadas para a sustentabilidade e responsabilidade social. O ISE deve ser visto como um indutor de boas práticas de gestão e investimentos com preocupações além do retorno financeiro.

Como principais características do ISE temos uma carteira formada por até 40 empresas que são escolhidas entre as 200 ações mais líquidas; participação voluntária; questionário com 7 dimensões e envio de evidências, entre outras características. Apesar da participação ser voluntária, é possível notar que as empresas têm buscado cada vez mais tentar integrar o índice por perceberem não somente a importância do tema, mas também dos benefícios que conseguem por adotar práticas de sustentabilidade. Abaixo segue imagem apontando a formação da carteira vigente de 2015 (Favaretto, 2015)



Figura 1: Empresas da carteira do ISE. Fonte: Apresentação Sonia Favaretto, 2015.

De acordo com Favaretto (2015), é possível notar uma série de ganhos e benefícios em integrar a carteira do ISE. Em uma primeira análise com relação ao índice BOVESPA, fica claro que uma preocupação com melhores práticas de gestão e com ênfase na sustentabilidade promovem um desempenho acima do mercado como um todo. A autora ainda traz conclusões que reforçam ainda mais a importância de questões socioambientais, como a correlação positiva entre bom desempenho socioambiental e desempenho financeiro; uma melhor reputação devido a transparência proativa das empresas; valor de mercado das empresas que compõem o índice de 10% a 19% maior do que o grupo de controle correspondente e sensível redução dos custos de captação de capital.

A imagem abaixo traz uma comparação de retorno de investimento entre o ISE e o IBOVESPA.

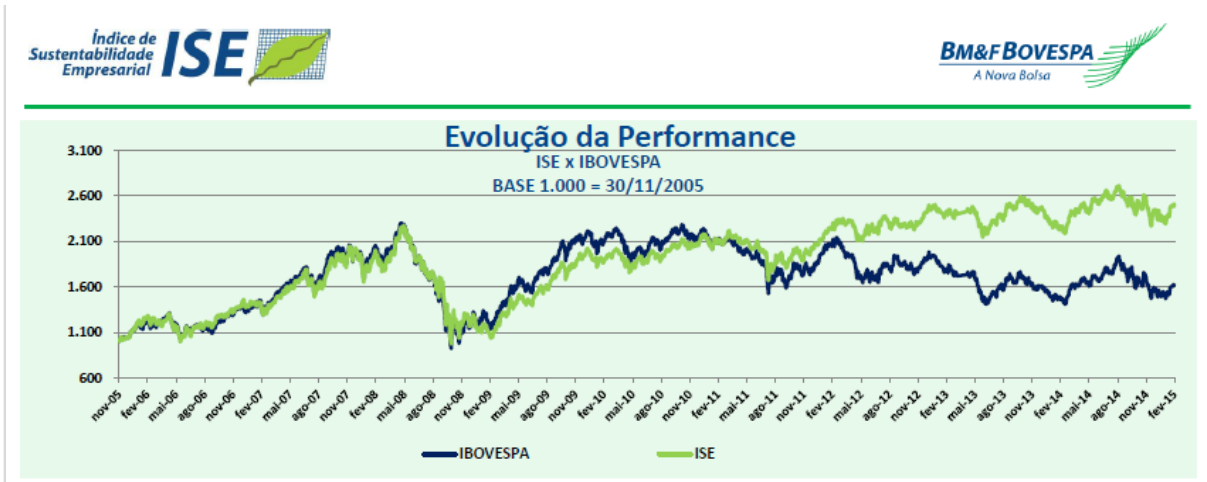


Figura 2: Desempenho do ISE. Fonte: Apresentação Sonia Favaretto, 2015.

2.2 Relato Integrado: Uma nova perspectiva

Não só é fundamental a discussão sobre as práticas que devem ser adotadas com objetivo do desenvolvimento sustentável, mas também atender à crescente demanda da sociedade por divulgação dos resultados das companhias, pela ótica da sustentabilidade. No decorrer dos últimos anos, companhias começaram a desenvolver seus relatórios de sustentabilidade, além do surgimento de instituições com foco na expansão e aprimoramento dos relatórios. Diante deste contexto, temos o surgimento do Relato Integrado (RI), (BUSCO et al, 2013).

O International Integrated Reporting Council (IIRC) é a coalização responsável pela proposição do relato integrado, que busca melhorar a qualidade da informação disponível para provedores de capital, implementando o pensamento integrado na tomada de decisão que ao mesmo tempo fornece um aspecto mais coeso para o relato corporativo, com informações que estão relacionadas entre si, demonstrando através de uma figura geral, como a empresa consegue gerar valor no curto, médio e longo prazo. Uma das maiores contribuições está no pensamento integrado, que busca cada vez mais a relação entre as diversas áreas da empresa, em como elas se afetam e o resultado destas interações (IIRC, 2010).

O relato integrado, além de estar em conformidade com as diversas iniciativas de relatos corporativos, traz uma nova visão sobre a forma que se busca relatar a informação por meio de relatórios. Diferentemente de outras metodologias, não se pretende aqui estabelecer novos modelos, o foco está na integração das partes, de como as diferentes áreas da empresa se relacionam, no contexto a qual está inserida e como estas interações levam a criação de valor no curto, médio e longo prazo (10 Minutes Integrated Reporting, 2014).

Para retratar a geração de valor da organização, o relato integrado também busca estabelecer como guia os principais capitais que são utilizados neste processo, demonstrando que eles fazem parte dos inputs e outputs da empresa, através do seu modelo de negócios. Na figura abaixo, é possível compreender como ocorre esta transformação:

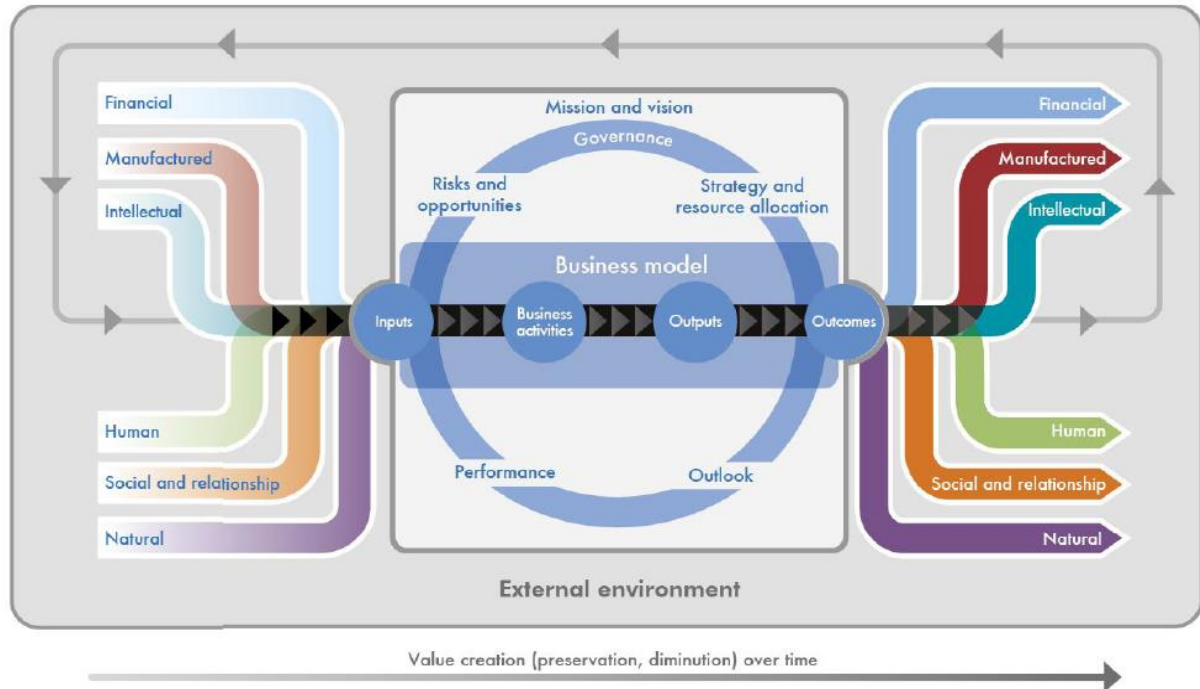


Figura 3: O processo de geração de valor. Fonte: Framework Relato Integrado, 2013.

Dentre os 6 capitais estão: Financeiro; Manufaturado; Intelectual; Humano; Social e de relacionamento e Natural. No relato integrado, diferentemente de outras iniciativas, não há obrigação da organização seguir o modelo na forma como foi concebido, cabendo a cada uma a interpretação dos mesmos para promover a informação mais relevante. A figura serve de guia para que os gestores compreendam que a geração de valor não ocorre através da maximização de somente um capital em detrimento dos demais. (Framework Relato Integrado, 2013)

De forma a garantir que o modelo tenha uma estrutura básica que permita a comparabilidade, adota-se uma série de princípios básicos e elementos de conteúdo, que irão propor uma estrutura mínima que cada organização deve atender para possuir um relato integrado. Os princípios básicos dispõem de diretrizes as quais a empresa deve atender e que sustentam tanto a apresentação como a preparação de um relatório integrado, demonstrando o conteúdo deste relatório e de que forma a informação será apresentada. Com relação aos elementos de conteúdo, estes determinam oito itens que o relatório integrado deve ter e a posição da organização frente a cada um (Framework Relato Integrado, 2013).

Um outro fator que distingue o relato integrado de outras iniciativas é a própria missão do IIRC: "...criar uma estrutura globalmente aceita de contabilidade para a sustentabilidade". Nesta estrutura seria possível exibir informações tanto de ordem financeira, mais conhecidos através das demonstrações financeiras, ambientais, sociais, governança, etc., de forma única e concisa. É possível verificar que a empresa tem buscado voluntariamente, aumentar a transparência com relação a relatórios dessa natureza, mas é necessário que haja uma metodologia mundialmente aceita de forma a garantir a relevância e acurácia das informações presentes. (IIRC, 2010).

2.3 Sustentabilidade vs Geração de valor

Uma das grandes dificuldades que sempre estiveram presente com relação a discussão da sustentabilidade nas empresas, era de buscar demonstrar a relação entre a prática do desenvolvimento sustentável com a geração de valor à curto, médio e longo prazo, trazendo retorno a empresa. Tal dificuldade era presente pelo fato das empresas, assim como a maior parte dos acionistas e credores, somente tratarem geração de valor como valor econômico, ou seja, a capacidade de gerar riqueza de um ativo, entendendo riqueza como a capacidade de geração de fluxos futuros de benefícios econômicos da empresa, segundo Martins apud Corrêa (2012, p.30).

Este cenário vem mudando. Hoje, o investimento responsável, que reúne investidores preocupados não somente com retorno financeiro, mas também com questões socioambientais, aparece nas pesquisas do Google com mais de 100 milhões de resultados, mostrando a dimensão alcançada pelo tema e conta com participantes como fundos de pensão, gestores de ativos, entre outros agentes, que juntos somam mais de 34 trilhões de dólares, como aponta o *Investment Leader's Group* (ILG), (2014).

Um dos principais agentes na mudança da compreensão do que se entende por geração de valor são os investidores, que através da conscientização da importância do foco no longo-prazo e de práticas em direção à responsabilidade social, ambiental e governança, em virtude das questões globais cada vez mais em voga, exercem pressão sobre as companhias, que por sua vez buscam corresponder sua gestão para atender a esta nova demanda, como demonstra o artigo da Arabesque (2014), em que 72% das S&P500 já apresentam algum tipo de relatório ou *disclosure* de informação relacionada à sustentabilidade.

Ainda de acordo com o trabalho mencionado, é possível verificar que companhias com melhor performance em métricas de sustentabilidade possuem melhores resultados operacionais e geram menos risco, além de estratégias de investimentos que incorporam questões ambientais, sociais e de governança possuem desempenho acima daquelas que não contemplam estes fatores. No estudo, foi verificada a importância de administradores incorporarem no processo de tomada de decisão, práticas sustentáveis, de forma a servir melhor o interesse no benefício econômico, mostrando aumento no valor das ações, melhores resultados operacionais e redução do custo de capital.

A ideia de geração de valor cada vez menos está atrelada somente às noções econômicas. Um importante fato que demonstra essa evolução é a definição e compreensão de criação de valor de acordo com Relato Integrado (RI), que aponta geração de valor por meio do modelo de negócios da organização, que recebe diversos capitais e os transforma com suas atividades e interações de seu negócio para produzir produtos que no curto, médio e longo prazo, criam ou destroem valor para a organização, os *stakeholders*, sociedade e meio ambiente. Esta ampla noção de geração de valor traz a importância de se considerar diversos fatores, além do clássico fator econômico.

3- Metodologia

Para condução deste estudo, foi empregado o formato de pesquisa exploratória, realizando um estudo preliminar das informações divulgadas pelas empresas em seus “relatos

integrados”. Foi formulado um problema para a pesquisa: Qual a qualidade presente nos relatórios fornecidos pela organização com base em 4 aspectos: estrutura de governança; mapeamento de riscos e oportunidades; confiabilidade e equilíbrio; descrição do negócio e mercado de atuação.

Para definição de qual seria a qualidade abordada na presente pesquisa, foi usado como guia o Framework do Relato Integrado e suas respectivas definições acerca dos 4 aspectos discutidos. Por estrutura de governança, busca-se entender a estrutura de liderança da organização, processos específicos usados na tomada de decisão, cultura, ética e valores, entre outros aspectos. Mapeamento de riscos e oportunidades diz respeito a identificação dos riscos e oportunidades os quais a empresa está exposta e como ela lida com eles, quais as ações definidas para minimizar impactos dos riscos ou gerar valor a partir das oportunidades. Confiabilidade e equilíbrio está mais relacionado a um princípio que a organização deve seguir nos seus relatórios, ao tratar de informações negativas e positivas da mesma forma e prover informações livres de distorção e erros significativos. Por último, a descrição do negócio mostra para qualquer interessado uma informação fundamental a respeito do que se trata o negócio da organização e em quais circunstâncias ela atua, sendo quase que uma base para entendimento completo do relatório.

Para realização da pesquisa, houve uma coleta online de dados referente aos relatórios de sustentabilidade ou exercícios de relato integrado realizados pelas empresas no ano de 2014 e divulgados em seus sites institucionais, de fácil acesso para download. A amostra que foi analisada é de 8 empresas que integram o ISE e atuam em diferentes setores da economia, de forma a aumentar a abrangência da pesquisa.

Dimensões analisadas			
Qual a estrutura de governança da organização?	A organização possui seus riscos e oportunidades mapeados, bem como planos de ação estabelecidos?	Existe confiabilidade e equilíbrio entre informações positivas e negativas?	O relatório apresenta informações sobre o que a organização faz e onde atua?
			
Empresas Analisadas			

Com os dados coletados e reunidos, teve início uma análise, com base nos 4 aspectos definidos para qualidade, observando-se a presença dos conceitos definidos neste trabalho dentro dos relatórios divulgados pelas empresas. Cada questão compôs uma dimensão analisada. A partir da questão definida e o que seria observado, os relatórios foram lidos e buscou-se retirar deles estas questões definidas. A partir desta observação simultânea dos 4 aspectos com os 8 relatórios de sustentabilidade, foi possível traçar uma análise da presença ou não dos aspectos tratados e de uma noção geral da qualidade da informação. Os quadros a seguir resumem a forma como ocorreu o processo de trabalho:



3- Resultados e Discussão

3.1- Qual a estrutura de governança da organização?

Quando tratamos da estrutura de governança da entidade, não estamos nos referindo apenas a estrutura preconizada de acordo com a legislação e definições de cargos e funções, estamos também nos referindo à como esta estrutura elaborada pela organização trabalha de modo a apoiar a sua capacidade de gerar valor no curto, médio e longo prazo (Framework IIRC). Neste tópico foi analisado: Estrutura de governança da empresa; processos utilizados na tomada de decisão estratégica; ações que buscam inovar a prática de governança; entre outros aspectos a respeito do tema.

A respeito da estrutura organizacional utilizada pelas empresas analisadas, é possível verificar que há comum estruturação entre elas. Todas apresentam as mesmas características básicas de Conselho Administrativo e Conselho Fiscal, que são preconizadas pelas exigências legais, como mínimo percentual de membros independentes e mínimo de participantes. Assim como preconiza as diretrizes de boas práticas de governança, ambos os conselhos estão acima da diretoria, de forma a atuarem com independência. No que diz respeito a qualificação dos membros, todos possuem grande experiência e histórico que são destacados no relatório. Ainda há uma discrepância no número de mulheres presentes em ambos os conselhos, como mostra tabela abaixo:

Empresa	% Mulheres
AES Tiete	13,7%
Banco do Brasil	9%
CCR	9%
Cielo	6%
Duratex	8%
Fleury	0%
Klabin	11%
Natura	12,5%

Com relação a processos específicos para tomada de decisão, das 8 empresas estudadas, apenas a Klabin não conta com comitês definidos para auxiliar o processo de tomada de decisão do Conselho Administrativo, reunindo-se para estudar propostas e recomendar ações. Em geral, seguem uma estrutura similar, contando com membros do próprio conselho ou membros totalmente independentes. Merecem destaque Cielo, Duratex, CCR e Natura, por possuírem o maior número de comitês, diversificando sua atuação e ampliando as análises.

Empresa	Nº Comitês
AES Tiete	2
Banco do Brasil	2

CCR	6
Cielo	5
Duratex	5
Fleury	3
Klabin	0
Natura	4

Todas as empresas analisadas contam com códigos de conduta e ética bem estabelecidos, buscando prover maior segurança e transparência para a gestão, impactando diretamente no valor gerado pela empresa. Uma ação que se repete nestas organizações, sendo que no relatório da CCR não há menção, é de se estabelecer um canal aberto de comunicação com a governança, permitindo que *stakeholders* entrem em contato e registrem queixas a respeito de violação de direitos humanos, fraudes, entre outras situações atípicas, também com relação aos códigos de conduta da empresa.

3.2- A organização possui seus riscos e oportunidades mapeados, bem como planos de ação estabelecidos?

Toda a organização, independentemente do seu modelo de negócios, está sujeita a riscos, tanto interno quanto externos, devido a própria existência e funcionamento, bem como a oportunidades. É de fundamental importância que os riscos que afetem a capacidade de gerar valor a curto, médio e longo prazo da organização sejam identificados e que existam medidas que possibilitem atuar para mitigar os impactos gerados no negócio, sempre se atentando para o fator materialidade. (Framework – IIRC). Nesta análise, buscou-se compreender se os riscos e oportunidades estavam devidamente identificados quanto a sua fonte, se estavam avaliados quanto ao impacto e se havia medidas para gerenciar os riscos ou aproveitar as oportunidades.

Ao analisar todas as empresas do presente estudo, não houveram dificuldades em identificar a informação relacionada a riscos nos relatórios emitidos. Todas as empresas apresentaram no mínimo uma seção dedicada a este assunto. Apenas 2 das 8 empresas analisadas possuem tanto oportunidade quanto riscos dentro de um mesmo tema, que são: CCR; Duratex, sendo que CCR, desde 2013, adotou a utilização do Framework do Relato Integrado.

Com relação a identificação dos riscos, a AES Tietê, Cielo, Fleury, Klabin e Natura possuem definição de riscos, mas apenas indicam as categorias a serem analisadas e mencionam o processo utilizado, sem maiores informações detalhadas para os *stakeholders*. Já as outras empresas (Banco o Brasil, CCR, Duratex), possuem uma identificação de riscos mais clara e rica em qualidade de informação, com destaque para CCR e Duratex que possuem bem estabelecidos riscos e oportunidades e o que há de ação para cada um deles. Com relação ao balanço entre riscos e oportunidade internos ou externos, todas buscam tratar de ambos os ambientes. Sobre a identificação de oportunidades, elas estão em todas as empresas analisadas e vinculadas, principalmente, na parte de estratégia do relatório, reiterando os pontos fortes do negócio.

A respeito da avaliação dos impactos, de forma mensurada, e de medidas específicas, há uma discrepância quando se trata de riscos ou oportunidades. No caso de riscos, há uma pequena seção dedicada para tratar do tema e que, geralmente, não traz informações aprofundadas e tampouco mensuradas. Já oportunidades, aparecem no decorrer de todo relatório e quase sempre acompanhadas de indicadores (KPI's) e também mais claramente

conectadas a estratégia do negócio, diferentemente dos riscos, que na maioria dos relatórios analisados, não possui uma indicação clara da conexão com a estratégia e a geração de valor. A informação sobre riscos ainda aparece de forma isolada na maioria dos relatórios.

3.3- Existe confiabilidade e equilíbrio entre informações positivas e negativas?

Para que as informações contidas dentro de um relatório possam ser confiáveis, elas dependem de um equilíbrio e isenção de erros significativos. A confiabilidade da informação existe a partir de uma estrutura bem constituída que conta com mecanismos de controles internos, sistemas, contato com partes interessadas, auditorias, interna e externa, entre outros fatores. Já o equilíbrio, demonstra que não deve existir tendenciosidade ao se apresentar informações. Não deve haver destaques que alterem a probabilidade de a informação ser recebida de maneira favorável ou desfavorável (Framework – IIRC). Neste tópico, procura-se analisar se o formato de apresentação não influencia a maneira como a informação é recebida; se há devido apontamento de que as informações são confiáveis; e se há apresentação de informações tanto positivas quanto negativas.

Em uma primeira análise a respeito de indicativos sobre a confiabilidade da informação, como se trata de empresas de grande porte S.A., é possível verificar que todas as empresas estudadas apresentem um alto nível de governança, o que permite concluir com base nos mecanismos de processos internos e externos apresentados, que as informações apresentadas dentro do relatório atendem aos critérios de confiabilidade preconizados, podendo ser consideradas para análise.

Tratando-se do formato de apresentação, é possível observar que em termos de estrutura de relatório, todas as empresas analisadas seguem os princípios do GRI para elaboração de relatório de sustentabilidade, utilizando-se de conceitos também do *Integrated Report*, sendo que apenas a CCR adota o Framework do Relato Integrado por completo. Ambos os princípios não são excludentes, eles se complementam de forma a convergir para um padrão global de relato. Com base nessa análise, embora a estrutura e tópicos a serem abordados pelas empresas seja semelhante, os relatórios de cada uma não são iguais entre si, possuindo características diferentes na forma de apresentar a informação.

Nos relatórios analisados, é possível perceber que existem informações que possuem destaque em detrimento de outras. Essa situação ocorre de forma mais frequente com relação a informações financeiras, em que há destaque visual (negrito; tamanho da fonte, etc) para valores que chamam a atenção em termos de desempenho. Gráficos também são utilizados para destacar informações positivas e que tendem a melhorar a impressão do usuário sobre aquela informação. Essa situação ocorre em todos os relatórios, em maior ou menor grau. Destaque para CCR que possui, na parte de demonstrações financeiras, valores destacados que favorecem impressão positivo por parte do usuário.

Tratando da questão do equilíbrio de informações positivas e negativas, deve-se levar em consideração a complexidade de divulgar tais informações, entendendo que pode haver preocupação com relação a vantagem competitiva, relação custo-benefício, entre outras. No entanto, nos relatórios analisados, um ponto em questão fica destacado. Há uma clara evidência de se promover ações e descrever o desempenho da empresa sob uma ótica positiva, sempre levando em consideração o melhor aspecto da gestão daquela organização. Este cenário ocorre com todos os relatórios analisados, sendo possível afirmar que há um predomínio de

informações positivas em detrimento de informações negativas, que afetam a geração de valor da empresa.

Todas as organizações analisadas descrevem suas estratégias, destacando seu crescimento, ações socioambientais, entre outras. Todo este material somado, responde pela maior parte da informação contida no relatório. Esta tendência fica clara quando analisamos o conteúdo da parte que trata dos riscos da empresa com a carta da administração por exemplo, presente em todo relatório, que em todos os casos possui maior conteúdo de informação.

3.4- O relatório apresenta informações sobre o que a organização faz e onde atua?

Para que qualquer interessado possa compreender a organização e que esta possa transmitir um entendimento acerca de toda informação contida no relatório e que guia a geração de valor, é preciso descrever sua missão e visão, fornecendo o contexto essencial ao identificar temas como: composição acionária e estrutura operacional; principais atividades e mercados; panorama competitivo e posicionamento no mercado; posição na cadeia de valor; informações quantitativas; fatores externos que afetam a organização; entre outros. A respeito de ambiente externo, entende-se como sendo fatores legais, comerciais, sociais, ambientais e políticos, que afetam a capacidade de geração de valor (Framework – IIRC).

A análise deste tópico busca avaliar se a empresa apresentou claramente sua missão e visão, se apresentou um contexto adequado ao qual está inserida, descrevendo fatores externos que afetam seu modelo de negócio e se foi capaz de quantificar informações relevantes como: número de empregados, receita, tamanho do mercado, etc.

Com relação à um aspecto mais simples e de fácil determinação, todas as empresas analisadas neste estudo apresentam suas diretrizes estratégicas, no que diz respeito a missão e visão. Esta informação geralmente é uma das primeiras a ser apresentada, dada sua importância e o impacto que tem sobre o entendimento das demais informações. Em todos os relatórios é possível encontrar informações a respeito da composição estatutária, informações a respeito do mercado que está inserido, entre outras. O mesmo ocorre com relação a divulgação de números sobre funcionários e outras informações relevantes.

5- Conclusões

O presente estudo partiu da seguinte questão: Qual a qualidade da informação gerada pelos relatórios de sustentabilidade das empresas que compõe o ISE, com base em 4 aspectos: estrutura de governança; mapeamento de riscos e oportunidades; confiabilidade e equilíbrio; descrição do negócio e mercado de atuação. Buscou-se a partir da questão, analisar as informações presentes nos relatórios e identificar a qualidade delas de acordo com os 4 aspectos elaborados.

Um primeiro ponto que foi observado é que quase não havia uma estrutura que destoasse do que se exige legalmente de governança corporativa, demonstrando que essas exigências moldam a estrutura da organização. Existe uma estrutura que foge das exigências e que é compartilhada por praticamente todas as empresas e trata-se dos comitês, órgãos de apoio de decisão do Conselho Administrativo, auxiliando o mesmo em diversos assuntos de relevância da organização. Ainda há uma disparidade entre a presença de homens e mulheres nos mais

altos cargos administrativos, neste estudo tratando-se dos Conselhos, demonstrando real desequilíbrio.

Não foi possível observar informações claras a respeito da identificação de riscos da empresa e de suas ações para minimização dos mesmos. Em contrapartida, há uma grande presença de oportunidades identificadas pela empresa, conectadas a sua estratégia, e ações que estão sendo tomadas para aproveitá-las. Essa falta de riscos claramente definidos e tratados e abundância de informações a respeito de oportunidades pode indicar forte relação com uso dos relatórios de sustentabilidade como “propaganda” da companhia para *stakeholders*. A questão da pouca informação a respeito de riscos fica mais clara quando comparada a quantidade de informação da carta da administração presente nos relatórios, que quase sempre possui maior quantidade de informação.

Com relação a confiabilidade e equilíbrio, é possível obter informações a partir dos relatórios que atestam a integridade dos dados apresentados, como reforço por auditoria entre outros fatores e controles internos. Todas as empresas analisadas apresentaram esta integridade. Já quando se trata de equilíbrio, é possível notar que há destaque visível para aspectos positivos da informação em relação a aspectos negativos, podendo afetar a percepção do usuário a respeito da informação. A descrição do negócio e mercado inserido é clara em todos os relatórios, o que reforça um pouco a indicação de que a empresa pode de certa forma, utilizar o relatório de sustentabilidade com cunho de “propaganda”.

Tendo em vista as análises feitas, é possível verificar que a qualidade da informação prestada pelas empresas no que diz respeito a relatórios de sustentabilidade vem aumentando, apesar de existirem pontos que devem ser melhor trabalhados. Interessante notar que das 8 empresas analisadas, uma já adota o Framework do Relato Integrado para elaboração do seu relatório, mostrando a importância que o Relato Integrado vem ganhando.

Por se tratar de um tema muito complexo, a pesquisa se limitou a observar questões pontuais, sem discorrer profundamente sobre todos os tópicos presentes no Relato Integrado. Para futuros estudos, seria possível aplicar análises qualitativas mais elaboradas, com uso da estatística, e uma separação das empresas para análise mais aprofundada a respeito de cada relatório individualmente.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Nelson; KASSAI, R. José: Relato Integrado: a próxima revolução contábil. Revista FIPECAFI, São Paulo, v.1, ago.2014. Disponível em: http://www.erudito.fea.usp.br/portalfca/Repositorio/3581/Documentos/artigo%20ReLato%20Integrado%20-%20Revista_FIPECAFI_Vol1%20AGO2014.pdf. Acesso em: 12. jun.2015

IIRC - International Integrated Reporting Council. Disponível em: <http://www.theiirc.org/international-ir-framework/>. Acesso em: 25 mai. 2015.

PwC: 10 Minutes on integrated reporting. Disponível em: <http://www.erudito.fea.usp.br/portalfca/Repositorio/3581/Documentos/pwc-10minutes-integrated-reporting.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2015.

Redefinição da Responsabilidade Corporativa de Prestar Contas por meio de Relatórios Integrados. Revista STRATEGIC FINANCE do IMA – Institute of Management Accountants. Disponível em: <http://www.erudito.fea.usp.br/portalfea/Repositorio/3581/Documentos/Relat%3brios%20Integrados%20Strategic%20Finance%20agosto%202013.pdf>. Acesso em: 15. jun 2015.

From the Stockholder to the Stakeholder: How sustainability can drive financial performance. Disponível em: http://www.smithschool.ox.ac.uk/library/reports/SSEE_Arabesque_Paper_16Sept14.pdf. Acesso em: 11 jun. 2015.

The Value of Responsible Investment, Investment Leaders Group, University of Cambridge Institute for Sustainability Leadership, 2014. Disponível em: <http://www.cisl.cam.ac.uk/publications/publication-pdfs/ilg-the-value-of-responsible-investment.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2015.

Understanding investor's – directions for corporate reporting. The Association of Chartered Certified Accountants (ACCA). Disponível em: <http://www.accaglobal.com/content/dam/acca/global/PDF-technical/financial-reporting/pol-afb-ui02.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2015.

MARCONDES, A. W; BACARJI. C. D. ISE – Sustentabilidade no Mercado de Capitais. 1ª edição. São Paulo: Report Editora, 2010. 93 p.

Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE) – BM&F BOVESPA. Disponível em: <http://isebvmf.com.br/index.php>. Acesso em: 22 mai. 2015.

Sustentabilidade: iniciativas, desafios e perspectivas. FEA-USP. Disciplina Relato Integrado e Sustentabilidade. Disponível em: <http://www.erudito.fea.usp.br/portalfEA/Repositorio/3581/Documentos/Apresentacao%20Sonia%20Favareto%20BMF%2005mai2015.pdf>. Acesso em: 21 mai. 2015.

The Future We Want Rio+20. Disponível em: http://www.un.org/disabilities/documents/rio20_outcome_document_complete.pdf. Acesso em: 21 jun. 2015.